

PROMESSAS DE CANDIDATO

Denise Rothenburg
e Solano Nascimento
Da equipe do **Correio**

Ataques a setores do Congresso, à oposição e todo um discurso para tentar garantir ao eleitor que o país está protegido contra crises externas marcaram a apresentação do programa do presidente Fernando Henrique Cardoso para um eventual segundo mandato.

“Não sei o que vai acontecer com a atividade econômica, mas temos alternativas. Se não tiver capital externo, vamos buscar interno. O governo não vai ficar de braço cruzados. Tem meio de atingir seus objetivos e cumprir

metas”, disse Fernando Henrique.

Ao responder a perguntas dos jornalistas, ele deixou claro que já definiu pelo menos dois nomes para sua equipe econômica a partir de 1º de janeiro: o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Gustavo Franco.

“Eu tenho confiança neles, são competentes, estão levando adiante as transformações necessárias, têm credibilidade interna e externa. Por que eu vou mexer no ministro Malan e no Gustavo Franco?”, questionou o presidente, chamando de “fofoca” eleitoral as especulações sobre uma eventual saída de Malan do governo.

“Nesta época, vocês sabem, come-

ça a haver fofoca prá lá, fofoca prá cá, mas eu sou e fui sempre claro nesta matéria: eles são parte constitutiva da equipe que está fazendo as modificações no Brasil”, completou, afirmando que não é de “puxar tapete” de ministro que está no exterior trabalhando pelo Brasil: “Comigo não, violão!”.

Tudo na apresentação foi cuidadosamente preparado para tirar a conotação de crise da campanha eleitoral. A Academia de Tênis, onde nos tempos do presidente Fernando Collor os ministros dançavam ao som do bolero *Besame Mucho*, foi especialmente decorada com as cores da bandeira do Brasil pelo pessoal de eventos da campanha.

Fernando Henrique, o vice-presidente, Marco Maciel, o ministro da Educação, Paulo Renato Souza (que está de férias), e os coordenadores da campanha, Euclides Scalco, e de programa de governo, Carlos Pacheco, entraram na sala decorada com balões verdes, amarelos, azuis, faixas, cartazes e um painel repleto de “FH 98”. O presidente-candidato fez o que pôde para tentar afastar a crise mundial da campanha pela reeleição. As expressões mais utilizadas no seu discurso foram “tem rumo”, “tem caminho”, “confiança”.

Fernando Henrique não poupou os adversários nem os congressistas: “Não tem sentido reclamar da vul-

nerabilidade da economia e ter negado todos os mecanismos para protegê-la, votando contra as reformas. Cobrar o quê, se votaram contra e a reforma da previdência até hoje paira no ar?”, defendeu-se, antes de passar a responder às perguntas dos jornalistas.

O estilo das entrevistas coletivas da Casa Branca norte-americana — em que o presidente escolhe o jornalista que fará a pergunta — foi por água abaixo. Na sala lotada, Paulo Félix, assessor de imprensa da campanha, é que indicava os repórteres.

Uma das primeiras perguntas teve como resposta uma estocada contra o candidato do PPS à Presidência, o

ex-tucano Ciro Gomes, e a sua proposta de trégua eleitoral anticrise apresentada em Brasília: “Diálogo antes da eleição é com o povo”, desenvolveu Fernando Henrique.

O clima de “já ganhou” estava no ar. O presidente, ao comentar o resultado da última pesquisa Ibope/Rede Globo, deixou claro que uma pequena queda de dois pontos não o incomoda: “Não vamos exagerar”. Fernando Henrique considera que, apesar da queda, a distância entre ele e Lula não muda. Mas, ao terminar, fez uma ressalva: “Estamos na frente, mas não tem essa de ‘já ganhou’”. Nada de salto alto, até porque não ficaria bem. A eleição é só no dia 4 de outubro.